

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

Teoria crítica: alguns apontamentos¹

Elisete M. Tomazetti²

No meu estudo procuro compreender a história da Escola de Frankfurt e mais, o conceito de razão produzido pelas reflexões de Horkheimer e Adorno, na intenção de compreender o sentido da Razão Instrumental. Assim, o que trago como diálogo são alguns apontamentos deste período, procurando enfatizar prioritariamente a Crítica da Razão Instrumental e o conceito de Indústria Cultural.

1. HISTÓRICO DA ESCOLA DE FRANKFURT

Segundo Olgária Mattos, Horkheimer concebeu a existência de duas teorias críticas: "a dos anos 30 - marxista e revolucionária - e a dos anos 70 que ao mesmo tempo em que realiza uma crítica ao mundo administrado, abandona explicitamente o projeto revolucionário" (1989). Mas segundo a autora haveria uma teoria crítica intermediária, entre 1939 e 1947, que iniciou a crítica à racionalidade. "Esta terceira forma de teoria crítica certamente representa a constelação mais interessante e mais rica (...). Consecutiva à ruptura que o advento do fascismo marca, ela começa por descobrir que a teoria marxista não é pertinente diante do que excede, no fascismo, categorias de uma teoria materialista do social-histórico e ao mesmo tempo traça os seus limites. A desrazão da razão histórica revelaria de maneira exemplar as sombras do movimento das Luzes, a parcela de debilidade que a razão histórica contém, sua autodestruição" (Mattos, p.16).

Do período que vai da inauguração do "Instituto de Pesquisa Social" até à década de 1930, há um conjunto de questões que é delimitado pelo referencial marxista. A filosofia assume o status de "Teoria Crítica da Sociedade", no sentido de negação ao existente, de adoção da "Crítica da Economia Política" de Marx para a reflexão da sociedade. A sociedade capitalista é negada pela sua irracionalidade para com os homens. A sociedade socialista é a grande meta, a utopia de "realização da razão no mundo".

Tendo presente todas as mediações e questões lançadas ao próprio marxismo, Horkheimer situa-se como um intelectual marxista e, em alguns momentos, revolucionário. A luta de classes é contemplada como elemento fundamental de contradição social. A "organização racional da sociedade", ideal de todos os frankfurtianos, era, naquele momento, representada pela instauração do socialismo. Há portanto, uma definição clara e radical pelo referencial marxista. A razão recebe, então, a definição de uma razão crítica e dialética, que tornada práxis visa a transformação da sociedade. Ela sustentava uma reflexão sobre a história da humanidade e dessa história extraía os mecanismos importantes (econômicos), que fundamentavam a organização da sociedade. Há, neste contexto, uma razão fortalecida, que se exterioriza para encontrar os mecanismos que impedem a sua realização no mundo. Sendo crítica e dialética, esta razão não precisa se justificar; ela mantém a sua eticidade.

1.1. A crítica da sociedade

Representou o primeiro momento do Instituto de Pesquisa Social, no qual a interdisciplinaridade e a metodologia dialética buscaram o acesso à compreensão da sociedade. Horkheimer compreendia a relação infraestrutura e superestrutura fora dos parâmetros do determinismo econômico. Criou a cátedra de Filosofia Social na Universidade de Frankfurt e deu à filosofia a função de "crítica da ideologia".

O texto demarcatório deste período é "Teoria Tradicional e Teoria Crítica", escrito em 1937. Neste texto Horkheimer problematizou e criticou a transferência do modelo das ciências da natureza (teoria tradicional) para as ciências do espírito. Lançou luzes sobre a questão dos interesses do conhecimento, advertindo sobre a suposta neutralidade da ciência e do cientista. O positivismo foi seu alvo, pois propunha "um encadeamento sistemático de proposições de uma dedução sistemática unitária" (Horkheimer, Teoria T e TC, p.32).

A teoria crítica da sociedade ultrapassa a mera descrição; traz o interesse pelo próprio destino da sociedade. "Classe, exploração, mais valia, pauperização, ruína são, segundo Horkheimer, categorias básicas utilizadas pela teoria crítica para elaboração de seus conhecimentos acerca da sociedade.

¹ Texto apresentado na IV Jornada de Literatura e Autoritarismo, evento promovido pelo Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo e pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, no período de 25 a 28 de outubro de 2005.

² Prof.ª Dr.ª do Programa de Pós-Graduação em Educação / PPGE - UFSM.

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

"Os homens não são apenas um resultado da história em sua indumentária e apresentação, em sua figura e seu modo de vestir, mas também a maneira como vêem e ouvem é inseparável do processo de vida social tal como este se desenvolveu através dos séculos. Os fatos que os sentidos nos fornecem são pré-formados de modo duplo: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter histórico do órgão perceptivo" (Teoria T e TC, p. 39).

Ao constatar que mesmo nos países socialistas, a razão acabava por não ser mais dialética e crítica, era imperativo lançar os olhos sobre o próprio conceito de razão. Iniciava, portanto, a mudança de referencial de análise da sociedade e da razão.³ Os ideais de uma nova sociedade começam a ficar sombrios, o socialismo já não representa o desenvolvimento da razão no mundo.⁴ A luta de classes, como elemento gerador da transformação social, é abandonada. Não mais é vislumbrada essa transformação através de uma práxis revolucionária. A sociedade burguesa segue seus rumos cada vez mais fortalecida, porque se sustenta em uma razão instrumental. E a sociedade socialista, da mesma forma, se corrompe em seus ideais originários e se mantém através dessa mesma razão.

1.2. A crítica da razão

A "Crítica da Razão" realizada por Kant, na modernidade, buscava estabelecer os limites e possibilidades da razão, repensá-la em sua capacidade de conhecimento. Os pensadores do "Instituto de Pesquisa Social" de Frankfurt, também buscaram efetivar uma crítica à razão, mas já não mais uma razão transcendental que busca o conhecimento científico, definido a partir das formas da intuição sensível e das categorias do entendimento. A razão passou a ser inquirida em sua eticidade no ato de conhecimento e portanto, por aquilo que a sua capacidade de conhecer cientificamente acabou gerando na vida dos homens. A razão passou a ser situada na história humana e teve, então, que se desnudar em seus objetivos e realizações.

A hipótese fundamental levantada por Horkheimer diz de uma razão que historicamente foi desviando-se da sua essência. Isso significa dizer, uma razão que se transformou e, portanto, já não é mesma. A pergunta que surge, então, é: que razão é esta? É possível ainda usar a expressão "razão" para defini-la? Podemos mesmo indagar-nos se a razão não acabou transformando-se numa "não-razão"? Porém, se não mais falamos de razão, mas de não-razão, como podemos critica-la? De onde fazemos a nossa crítica?

Seguindo Horkheimer, descobrimos dois conceitos de razão que vão se impondo à realidade, em alguns momentos da civilização simultaneamente, em outros separadamente, até o predomínio definitivo de um sobre o outro. Razão "objetiva" e razão "subjetiva" dizem do homem em sua própria condição humana, dizem da história realizada por estes homens. Mas ao fim, a razão subjetiva triunfa e a razão instrumental é seu novo nome e definição. É preciso então, a crítica. Mas em nome de que outra razão essa crítica é exercida? E mais, será possível outro tipo de razão? Que tipo de razão buscava Horkheimer e seus companheiros?

A mudança de paradigma de compreensão - da luta de classes e "Crítica da Economia Política" para a relação HOMEM-NATUREZA - é um elemento fundamental no pensamento de Horkheimer e, também, um dos mais instigantes. Aí se mostra toda a dialeticidade deste pensamento. É necessário não abandonarmos a visão de totalidade e compreendermos como se processou essa ruptura. Teriam sido as condições históricas criadas pelo nazismo, a 2ª Guerra Mundial, o avanço do capitalismo monopolista e a integração da classe operária ao sistema, através de uma política intervencionista e compensatória os fatores condicionantes do abandono do referencial marxista? Não teria sido a razão um elemento vital, de tradição idealista e iluminista, desde o início de sua imersão na filosofia? Podemos dizer que, mesmo reconhecendo, em determinados momentos, o proletariado como o agente da instauração da razão no mundo, a preocupação fundamental desses pensadores sempre foi com o Homem universal. Da mesma forma, a verdade acerca da sociedade acabava por não ser determinada em última instância, pelo ponto de vista da classe proletária. Permaneciam os ideais universais e não materialistas da razão hegeliana e iluminista.

Se a razão como crítica e dialética da sociedade capitalista e instauradora da sociedade socialista não se manteve em sua radicalidade. Se os desafios impostos pela realidade à compreensão desses pensadores os fez recuar diante da luta concreta pela instauração de uma organização racional da sociedade e em seu lugar originou-se um pessimismo, isto significava o próprio momento da negação em sua forma radical e absoluta. O momento da superação, da AUFHEBUNG, não mais poderia realizar-se. A reconciliação mantinha-se como um desejo, mas não mais passível de realização efetiva. A razão dos teóricos críticos não assimilava a razão hegeliana como manifestação total da vida do Espírito. O real racional e o racional que é real não eram mais contemplados.

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

Abandonada a compreensão hegeliana de razão, céticos em relação ao materialismo histórico, era preciso, na crise da racionalidade, encontrar-lhe um novo núcleo. O pessimismo começava a ser o único caminho para ser seguido. A relação HOMEM-NATUREZA expõe com clareza os rumos da civilização humana.

2. A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA: UM NOVO PARADIGMA DE COMPREENSÃO

A relação homem-natureza é o paradigma amplo de compreensão da razão como razão instrumental. Horkheimer caracteriza a razão instrumental (subjetiva) como uma razão que "se relaciona essencialmente com meios e fins, com a adequação de procedimentos a propósitos mais ou menos tidos como certos e que se prescrevem auto-explicativos. Concede pouca importância à indagação de se os propósitos como tais são racionais".⁵

Estão implicadas, aí, a compreensão do conhecimento científico, o estabelecimento da ligação entre "meios e fins" e a conseqüente "racionalização social". Nesta relação o homem se impõe como sujeito e a natureza define-se como o objeto; há, portanto, uma relação de domínio e superioridade de um sobre o outro.

O homem, como razão, se impõe sobre a natureza transformando-a em objeto, isto é, em algo a ser "observado" e "modificado" a partir dos seus interesses. Poderíamos afirmar que esse tipo de relação objetivadora se impõe historicamente na modernidade, com o movimento Iluminista. É nesse período que o homem se descobre como ser individual e finito. Exercendo a sua racionalidade, ele torna-se sujeito de si mesmo e, ao mesmo tempo, sujeito do seu mundo. Como ser racional, como sujeito livre ele exerce um poder sobre as coisas, sobre a natureza. Porém, esse processo fundado no domínio do sujeito sobre a natureza já está presente na própria origem da civilização ocidental, na mitologia. Esta tese é exposta na obra "Dialética do Esclarecimento". A mitologia e "iluminismo" (esclarecimento) se inter-relacionam dialeticamente.

O processo de conhecimento científico se dá, necessariamente, nessa relação entre homem e natureza. Uma relação de apropriação, de manipulação, de experimentação. Essas expressões não devem assumir um sentido valorativo, isto é, de algo não-ético realizado pelo homem. Por hora, nossa discussão quer apontar algo de essencial que ocorre no ato mesmo de gerar conhecimento científico e do homem estabelecer-se como sujeito racional. A existência humana se funda na capacidade que o homem possui de modificar o meio que o circunda, modificando-se a si mesmo. A intervenção sobre a natureza adquire a significação de trabalho.⁶

No "século das luzes", na modernidade, a ciência adquire um espetacular desenvolvimento. A apropriação e desenvolvimento do método experimental e a adoção da matemática como uma ciência transparente, e objetiva são alguns desses avanços. A filosofia de Descartes e seu racionalismo, com a busca da certeza matemática, constituíram um modelo para a própria filosofia. As descobertas de Galileu no universo da física inauguraram essa nova forma de se fazer ciência. O grande desenvolvimento gerado com a revolução industrial e as descobertas cada vez maiores de novos conhecimentos e técnicas expõem a marca do período moderno.

Immanuel Kant, como o "filósofo da ilustração", traça os limites e possibilidades da razão em relação ao conhecimento. Na obra "Crítica da Razão Pura", ele expõe a necessidade de se conceber a realidade a partir da dualidade entre "fenômeno" e "coisa em si", entre aquilo que pode efetivamente ser conhecido e aquilo completamente incognoscível à razão humana. É por isso, que a razão precisa ser crítica para consigo mesma, estabelecer os seus limites e possibilidades. No "Prefácio à segunda edição da "Crítica da Razão Pura", aponta sentido dessa nova razão, esclarecendo acerca da relação entre homem e natureza no ato do conhecimento.

A razão deve ir à natureza tendo em uma das mãos os princípios segundo os quais apenas os fenômenos concordantes entre si podem valer como leis e na outra a experimentação que imaginou segundo os seus princípios, na verdade para ser instruída por ela, não porém na qualidade de um escolar que se deixa ditar tudo o que o mestre quer, e sim na de um juiz, cujas funções obrigam as testemunhas a responder às questões que ele lhes propõe.⁷

Não há mais o homem como sujeito que "especula", que se prostra diante da natureza para que ela exponha as respostas que lhe são necessárias, ou mesmo para que absorva dela tudo que a sua percepção puder atingir. O homem deixou de esperar passivamente diante da natureza e encarou-a como uma fonte inesgotável de respostas às perguntas que lançava. A natureza só se revela se a razão transformar-se em ação, em experimentação. "O juiz obriga a testemunha a responder as questões que ele propõe" e a expressão "obrigar" significa a necessidade de manipular, de experimentar. Não há mais nenhum vestígio de algum princípio divino a reger a ordem natural. Ela passa a representar o universo profano; o sagrado foi

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

expulso. Juntamente com o mundo humano, a natureza tornou-se profana, dessacralizada. O homem habita um "novo mundo"; ele é, também, um "novo homem". Um novo deus chamado ciência, tem aí seu nascimento.

A ciência vai se transformando, gradativamente, numa história de progresso e desenvolvimento. A razão torna-se a "razão da ciência"; uma razão instrumental que estabelece a relação entre meios e fins. O projeto do esclarecimento⁸ é o projeto do homem racional que precisa conhecer a natureza para nela poder intervir, isto é, exercer a sua ação. A natureza vai, assim, sendo modificada, exigindo também uma modificação do homem que a transforma.

A expressão "esclarecimento" não se refere à época específica do movimento Iluminista no século XVIII. Ela tem uma significação ampla, que expõe a própria trajetória do conhecimento humano, da racionalidade na busca da autoafirmação e autoconservação dos homens. O projeto do esclarecimento diz da própria humanidade buscando romper os grilhões da ignorância e dos mistérios, das explicações mágicas e mitológicas acerca da vida e do mundo. É o caminho trilhado pelo homem na tentativa de se impor sobre o desconhecido e fazer triunfar assim a sua razão. "No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investí-los na posição de senhores." (Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, p. 19).

Horkheimer realiza as suas reflexões sobre a razão, dentro da perspectiva da relação de domínio entre homem e natureza, na década de 1940, nos Estados Unidos. Sua crítica é severa para com a razão esclarecida, que se propunha "emancipatória" e, ao fim, parecia haver conduzido os homens, inevitavelmente, ao caos e à barbárie. Na sua compreensão, esta razão fracassou, desviou-se dos seus objetivos e acabou comprometida com o poder, com um sistema de dominação e opressão dos homens e da própria natureza. A razão que deveria ser emancipatória transformou-se numa razão apenas instrumental. O pessimismo que daí se origina é profundo e absoluto, sem volta.

Nas obras *Eclipse da Razão* e *Dialética do Esclarecimento* Horkheimer tem uma preocupação fundamental com o elemento da dominação instaurado pela razão instrumental. Mais ampla que o próprio desenvolvimento da ciência na modernidade, a dominação já está presente na mitologia e no livro do Gênesis na Bíblia. O homem é considerado como sujeito, como senhor de tudo o que existe. Todas as coisas do mundo acabam por serem consideradas apenas instrumentos, meios para os fins que o homem busca; ele transforma a face do mundo, a partir dos interesses que possui. Assim, o homem se autoconserva a si mesmo, mantém-se imune aos desígnios cegos da natureza. A autoconservação⁹ dos homens é o argumento que justifica o domínio, a transformação da natureza. Ela é o próprio objetivo do homem racional e esclarecido.

Poderíamos, então, perguntar: que outro tipo de relação seria possível de ser estabelecida entre homem e natureza? O homem conseguiria autoconservar-se sem o uso de sua razão instrumental? Como pensar a categoria do "trabalho" sem a relação meios e fins? Ora, é impossível conceber o homem, em meio ao ambiente natural, sem intervir, sem modificar, sem estabelecer meios e fins. E Horkheimer, como um crítico, tinha também esta convicção que no entanto, aparece de forma tênue, indelével pelo peso que impõe à reflexão sobre as conseqüências da razão instrumental. A partir dos dois conceitos de razão que estabelece, Razão Objetiva e Razão Subjetiva, ele traça o caminho da civilização ocidental. A razão objetiva adquire sua sustentação na metafísica e na religião; possuía então, um caráter de universalidade e objetividade.¹⁰ A razão subjetiva, por outro lado, encontra seu ponto de apoio no próprio homem, como ser individual, que determina a si mesmo os seus objetivos e fins a alcançar. Segundo ele, não há uma ordem cronológica na definição desses dois conceitos. Ambos pertencem, essencialmente, à condição humana e, portanto, representam conjuntamente o homem.

A relação entre esses dois conceitos de razão não é simplesmente de oposição. Historicamente, ambos os aspectos, subjetivo e objetivo da razão, estiveram presentes desde o princípio, e a predominância do primeiro sobre o último se realizou no decorrer de um longo processo.¹¹

A tese de Horkheimer de que a razão é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva reaparece na "*Dialética do Esclarecimento*", quando da afirmação da dialética entre mito e esclarecimento. A necessidade de se pensar a razão como um órgão regulador entre meios e fins e assim, mantenedor da autoconservação do homem pertence, como já afirmamos, à condição humana. Razão objetiva e razão subjetiva puderam conviver harmonicamente até à modernidade, porque a primeira acabava por abarcar a razão subjetiva.¹² A instrumentalidade, a relação meios e fins, era salvaguardada pelos valores universais, éticos determinados pela religião e pela metafísica. Na compreensão de Horkheimer, a razão objetiva era fundamentalmente uma razão ética, isto é, mantinha intocáveis o valor e o sentido da vida humana e da natureza. A ordem natural e

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

do mundo humano era preservada e mantida por uma ordem supra-terrena, imutável e absoluta. A ela apenas pertencia o destino e o desenvolvimento da natureza e do mundo.

Na crítica que faz à razão instrumental, Horkheimer não nega a sua inevitável necessidade, mas se indaga acerca das conseqüências que daí se originaram para a humanidade. Estabelecida a vitória da razão subjetiva, esta deixou de ser crítica consigo mesma e atenta aos fins que deveria servir. Tais fins seguiram o livre curso dos interesses de uma organização social, incapaz de estabelecer critérios significativos para o progresso e o desenvolvimento. A sociedade industrial desobriga o indivíduo de usar a sua razão crítica e lhe incentiva a pensar e a agir em termos meramente pragmáticos e utilitaristas. O indivíduo está assim, fortalecendo cada vez mais esta sociedade que, ao fim, origina o "caos" e a "barbárie". Essas expressões de Horkheimer enfatizam o desenrolar da racionalidade subjetiva espelhada no quadro das duas guerras mundiais, do nazismo e do facismo.

A instrumentalidade da razão se mantém num mundo que se envaidece de ser filho do avanço da racionalidade. Apenas a razão já não é a mesma para Horkheimer, ela perdeu-se dos seus fins mais caros. Isso não significa, segundo ele, negar o desenvolvimento técnico-científico alcançado e desejado pelos homens. Não significa se lançar na tentativa de recuperação de um estado "anterior" e então, regredir no tempo. Não há a tentativa ingênua de negar a própria ciência, como se ela fosse a responsável por todos os desequilíbrios entre homem e natureza.¹³ O que está em jogo é o alerta para que se volte a fazer uso da reflexão e se descubra os elementos constituintes e determinadores da situação alcançada na trajetória do progresso.

Horkheimer demonstra um forte apego à tradição metafísica e religiosa sustentadora de uma razão "ética", isto é, de uma razão que buscava preservar o sentido e valor da vida humana. "A filosofia, preservando a idéia de verdade objetiva sob o nome de absoluto, ou de qualquer outra forma espiritualizada, conseguia a relativização da subjetividade. As idéias e valores universais eram a garantia de que a busca de uma "vida feliz" permanecia ainda sendo um ideal a ser alcançado. O exercício da racionalidade era, na tradição metafísica, o exercício de atitudes éticas e morais e não apenas o culto ao pragmatismo e ao utilitarismo.

A razão ética que Horkheimer quer recuperar tem o sentido de uma auto-reflexão e auto-crítica em relação aos fins que persegue. A razão deveria ainda, preservar o homem como supremo valor e a vida repleta de sentido. A eticidade da filosofia grega e, também, da filosofia medieval mantinham esses valores de forma absoluta e universal. A razão objetiva era concebida como "o instrumento para compreender fins, para determiná-los".¹⁴ Compreender fins e determiná-los significa a necessidade de uma eticidade a garantir as ações humanas dos descaminhos da irracionalidade. A razão instrumental era, então, submetida aos parâmetros de uma ordem justificada pela universalidade e objetividade da metafísica e da religião. A razão era, assim, preservada como elemento maior da humanidade em termos de capacidade e condição de um caminho que levaria a concretização de uma "vida feliz".

A relação Homem-Natureza determinada pela razão instrumental funda-se, segundo Horkheimer, em uma irracionalidade, em uma não eticidade entre meios e fins. Estabelece-se apenas uma situação de domínio e manipulação, conduzindo os homens à barbárie. A característica fundamental desta relação como trabalho é deixada de lado, sob o peso da crítica a sua instrumentalidade.

3. INDÚSTRIA CULTURAL

O desenvolvimento da tecnologia ligada à área da comunicação e a adoção dos referenciais da sociedade, na dimensão da divisão do trabalho, para o universo da produção cultural foram elementos decisivos na modificação de formas e padrões culturais. A cultura transformada num grande negócio a serviço dos poderosos transformou-se numa notável forma de legitimação e afirmação do existente. A arte recebeu o status de uma mercadoria a ser consumida por milhares de pessoas, incapazes de reconhecerem seu verdadeiro significado.

A indústria cultural tem o objetivo de determinar, de antemão, tudo aquilo que os indivíduos devem fazer, ler, consumir e, até mesmo, sentir.

Aquilo que em geral e sem mais se poderia chamar de cultura, queria, enquanto expressão do sofrimento e da contradição, fixar a idéia de uma vida verdadeira, mas não queria representar como sendo vida verdadeira a simples existência e as categorias convencionais e superadas da ordem, com as quais a indústria cultural a veste, como se fosse a vida verdadeira e essas categorias fossem a sua medida" (Indústria Cultural, p.97).

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

A cultura passa então, a significar a afirmação da realidade existente, sem quaisquer negações à injustiça e à dominação nela presentes. A indústria cultural transformou a cultura em um mecanismo ideológico, capaz de promover a completa afirmação e legitimação do status quo. "A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar a vida inexorável" (IC, p.143).

Essa nova condição social está diretamente relacionada com a nova produção material, visto que esta "tem a função de ocupar o espaço de lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive" (Freitag, p.72). Assim, através da criação de uma ilusão de felicidade, da eliminação da dimensão crítica que ainda existia na cultura burguesa e da dissolução da obra de arte, assegura a reprodução das relações sociais dominantes, sendo o consumo apresentado como o caminho para a realização pessoal.

Walter Benjamin observa essa transformação como a desaturação da obra de arte que destrói sua unicidade e singularidade, mas ao perder seu valor de culto, seu valor de exposição aumenta - torna-se acessível a todos. A obra de arte pode servir como elemento de politização quando se massifica. Já, segundo Habermas, o grande potencial da indústria cultural é o avanço na possibilidade da comunicação entre as pessoas e diferentes povos. As distâncias são encurtadas; o acesso torna-se rápido à informação e ao conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1983.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

JAY, Martin. **La imaginación dialectica: una historia de la escuela de Frankfurt**. Madri: Taurus, 1986.

MATOS, Olgária C. F. **Os arcanos do inteiramente outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa filosófica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura e outros textos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (col. Os Pensadores). p. 9-98 : Crítica da razão pura.

³ Martin Jay, um dos mais importantes historiadores da Escola de Frankfurt, aponta para esta ruptura de paradigmas na compreensão da sociedade. O motor na história deixa de ser a luta de classes e passa a ser o conflito entre homem e natureza. O marxismo era substituído pela problemática da razão a nível de civilização ocidental. Martin Jay, 1986, p.413.

⁴ Os desvios sofridos pela dialética e a crítica no marxismo estalinista representaram um desencanto para os frankfurtianos. A razão instrumental havia dominado até mesmo os espaços da dialética e da crítica. Nascia assim, um pessimismo para com a sociedade socialista em realizar os ideais mais caros da humanidade. A dominação e a opressão do homem e da natureza estavam presentes tanto no capitalismo como no socialismo.

⁵ Horkheimer caracteriza a razão instrumental (subjativa) como uma razão que "se relaciona essencialmente com meios e fins, com a adequação de procedimentos a propósitos mais ou menos tidos como certos e que se prescrevem auto-explicativos. Concede pouca importância à indagação de se os propósitos como tais são racionais." Eclipse da Razão, p. 11-12.

⁶ Álvaro Vieira Pinto, em seu livro "Ciência e Existência", expõe o significado da relação homem-natureza. Segundo ele, a capacidade que o homem adquire de intervir na natureza é denominada trabalho. Ele estabelece uma relação dialética com a natureza e se torna assim, o criador das condições que o cria. Op. cit., p.85. Immanuel Kant, 1974, p. 11.

⁷ Immanuel Kant, 1974, p. 11.

⁸ A expressão "esclarecimento" não se refere à época específica do movimento Iluminista no século XVIII. Ela tem uma significação ampla, que expõe a própria trajetória do conhecimento humano, da racionalidade na busca da autoafirmação e autoconservação dos homens. O projeto do esclarecimento diz da própria humanidade buscando romper os grilhões da ignorância e dos mistérios, das explicações mágicas e mitológicas acerca da vida e do mundo. É o caminho trilhado pelo homem na tentativa de se impor sobre o desconhecido e fazer triunfar assim a sua razão. "No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investí-los na posição de senhores. Adorno e Horkheimer, Dialética do Esclarecimento, p. 19.

Literatura e Autoritarismo

Contextos Críticos

⁹ A expressão autoconservação é fundamental para a compreensão da razão instrumental, da razão teleológica. Horkheimer a concebe como necessária para que a vida humana se mantenha, mas questiona o grau de importância absoluta que acabou adquirindo na sociedade industrial e capitalista, ou seja, o grau de individualismo e utilitarismo. Autoconservar-se significa competir, usar os próprios homens como meios para os fins que deseja, fins utilitários e lucrativos.

¹⁰ Horkheimer afirma que a razão objetiva "denota, como essência, uma estrutura inerente à realidade que por si mesma exige um modo específico de comportamento em cada caso, seja uma atitude prática ou teórica.(...) pode também designar o próprio esforço e capacidade de refletir tal ordem objetiva." Eclipse da Razão, p. 19.

¹¹ Horkheimer, 1976, p. 15.

¹² Para Horkheimer, o conceito de razão objetiva "jamais excluiu a razão subjetiva, mas simplesmente considerou-a como a expressão parcial e limitada de uma racionalidade universal, da qual derivavam os critérios de medida de todos os seres e coisas." Cfe. Eclipse da Razão, p. 13.

¹³ "...somos herdeiros, para melhor ou pior, do Iluminismo e do progresso tecnológico e querer regredir a estágios primitivos somente nos levará a encontrar formas mais bárbaras de dominação social. O que é imprescindível é que o pensamento crítico, novamente possa ser realidade, somente assim a natureza humana e exterior também serão libertadas." Horkheimer, Eclipse da Razão, p. 138.

¹⁴ Horkheimer, 1976, p.18.